

Dançando com minha filha

Quando Emma estiver mais velha, vou lhe contar do sofrimento que as diferenças podem causar. Quero que ela aprecie cada indivíduo pelo que ele é.

POR CATHY ALLISON

MINHA FILHA Emma, de 1 ano e 7 meses, está dançando na ponta dos pés, com os braços graciosamente erguidos, e meu coração quase explode de alegria. Ela nunca viu uma bailarina, mas saltita pela sala como uma profissional. Só falta a saia de tule.

Todo pai fica admirado com as proezas dos filhos, mas o orgulho que sinto das danças de minha filha tem um sentido ao mesmo tempo doce e amargo. Eu nasci com uma deficiência chamada pé torto congênito e passei a maior parte da infância me submetendo a cirurgias para corrigi-la. Quando não estava engessada, presa



a uma cadeira de rodas ou às muletas, meu jeito engraçado de andar e as feias cicatrizes nos pés e nas pernas me afastavam das outras crianças.

A aula de educação física era um pesadelo. Eu era deixada de lado, humilhada e emocionalmente torturada por ser diferente. O sofrimento de ter os pés deformados destruiu minha auto-estima e fez com que eu me sentisse uma eterna exilada.

Quando ganhei um prêmio de declamação na 7ª série, a maravilhosa sensação de conquista foi destruída por um colega de turma que atribuiu a minha vitória à compaixão que – segundo ele – o júri havia sentido por

mim. Mas, no 2º ano do ensino médio, minha família se mudou para a cidadezinha de Smithville, em Ontário, para onde meu pai transferia sua empresa. Pela primeira vez, eu estava cercada de pessoas que nunca tinham me visto numa cadeira de rodas.

Quando uma amiga me confidenciou que seu namorado achava sensual o meu jeito de andar, fiquei estupefata. De repente, meu claudicar se tornava atraente. Pela primeira vez saí com um garoto, experimentei meu primeiro beijo e aprendi a enorme lição de que tudo pode mudar. Saber que as diferenças desprezadas por algumas pessoas são aceitas por outras levou-me a uma série de descobertas sobre mim.

Passei apenas dez meses em Smithville, mas essa experiência me transformou para sempre. Entendi que, embora meus pés não sejam como os das outras pessoas, não sou menos gente nem menos digna de amor por causa disso. Dois anos depois, tive um dos momentos mais bonitos da minha vida quando o rapaz que se tornaria meu marido beijou as cicatrizes dos meus pés. Naquele momento eu soube que queria partilhar a vida com ele e construir uma família a seu lado.

Ter filho é um extraordinário ato de fé, mesmo nas melhores circunstâncias. O medo de que minha filha nascesse com esse mesmo problema era motivo de muita dor de cabeça. Quando Emma finalmente nasceu, a primeira pergunta que fiz foi:

– Os pés dela são normais?

A parteira sorriu.

– Sua filha tem pés lindos – respondeu, afastando a manta que envolvia Emma para me mostrar dez dedinhos perfeitos. – E são tão compridos que você vai gastar uma fortuna em sapatos.

Lembro-me da vergonha de não poder usar sandálias. Certa vez, chorei numa loja, na frente do vendedor, quando nenhuma das delicadas sandálias de verão me caiu bem nos pés, e ele por fim trouxe um modelo marrom, pesado, horroroso, com tiras grossas.

Implorei a minha mãe que me comprasse uma das sandálias bonitas, e ela, tocada pelas lágrimas, cedeu. As tiras me cortavam as cicatrizes, fazendo com que os pés sangrassem, mas, mesmo assim, eu continuava a usá-la, desesperadamente, desejando ser de algum modo transformada por aquela elegante sandália.

Sou muito grata pelo fato de que Emma poderá fazer o que bem entender, seja dançar ou correr.

Quando ela estiver mais velha, vou lhe contar do sofrimento que as diferenças podem causar, pois quero que ela aprecie cada indivíduo pelo que ele é.

Hoje tenho osteoartrite em ambos os tornozelos e, todos os dias, sinto dor ao andar, mas faço questão de caminhar e dançar com minha filha. Dançamos juntas ao som de Billie Holiday e Nina Simone, rodopiando pela sala com alegria no coração – e nos pés. ■

Talvez ser
Fernanda
Montenegro seja
um encosto do
bem. Mas é um
encosto. FERNANDA MONTENEGRO



O ponto mais
alto da minha
infância foi fazer
meu irmão rir tanto
que ele acabou
espirrando comida
pelo nariz.

GARRISON KEILLOR

Até ser pai, você não sabe qual é sua
verdadeira capacidade de força, amor
e fadiga. PETER GALLAGHER na In Style

O vilão tem a admiração do público.
Ele fala o que as pessoas não têm
coragem de dizer. REGIANE ALVES na Oi

Nunca encontrei alguém interessante
que tivesse boca suja. MARILYN VOS SAVANT na Parade

Esse negócio de déficit de
atenção não existe. As pessoas
têm uma infinita capacidade de se
manterem atentas quando você as
diverte. JERRY SEINFELD no The Wall Street Journal

No momento, ando vivendo sem
agenda, livre como um táxi. Está
ótimo. O perigo é me acostumar.

FERNANDO MEIRELLES na Claudia

QUEM DISSE?

Ainda entro nas
roupas de quando
eu tinha 15 anos.

- a) Susana Vieira
- b) Claudia Ohana
- c) Wanderléa

VEJA A RESPOSTA ABAIXO

A vida é como um
romance com o
fim cortado.

RASCAL FLATTS em Stand

Meu pai me deu o melhor conselho
da minha vida quando disse: "O que
quer que aconteça, não acorde um
dia aos 65 anos e pense no que
poderia ter feito e não fez."

GEORGE CLOONEY

\$ Pagamos até R\$ 50 por frases de pessoas
famosas contemporâneas (página 20).